

Editorial

Interação entre Academia e Mercado

Jose Elias Feres de Almeida¹ ,

¹The University of Texas Rio Grande Valley, Edinburg, Texas, USA.



1feresdealmeida@gmail.com

Resumo

O editorial destaca a importância da colaboração entre a academia e o mercado. Apesar das barreiras institucionais, essa interação beneficia ambas as partes: docentes enriquecem suas aulas com experiências práticas e os alunos ganham mais oportunidades no mercado. Além disso, projetos conjuntos geram novas ideias de pesquisa. Uma alternativa seria atividades externas esporádicas, porém, fatores culturais e burocráticos nas instituições de ensino superior (IES) precisam ser considerados nessas parcerias. O importante a ser avaliado é que um círculo virtuoso começa com o primeiro passo de ambos os lados para esse relacionamento até sua consolidação.

Palavras-chave: Academia; Mercado; Parcerias estratégicas

Como Citar:

Almeida, J. E. F (2024). Interação entre Academia e Mercado. *Advances in Scientific and Applied Accounting*, 17(2), 001–004/005. <https://doi.org/10.14392/asaa.2024170201>

Recentemente fui convidado pelo comitê organizador do XV Congresso AdCont (Ano 2024) para ministrar uma palestra sobre um tema desafiador, discutir interações entre a academia (professores/pesquisadores) e o mercado. O termo 'mercado', usado neste editorial, possui um sentido amplo, como qualquer entidade externa às instituições de ensino superior (IES), seja uma pequena empresa, uma corporação (companhia aberta), uma multinacional, uma organização não governamental (ONG), uma empresa estatal, uma agência governamental ou o próprio governo, seja municipal, estadual ou federal.

Em um primeiro momento, é complexo construir essa ponte, pois, em tese, vários fatores afastam os acadêmicos do 'mercado', principalmente aqueles de instituições de ensino públicas, mas também com eventuais restrições nas instituições de ensino privadas. De toda forma, vou me referir a todas essas instituições como Instituições de Ensino Superior (IES) e suas definições legais ou regimentais serão tratadas de modo genérico para abranger o maior número de contextos. Todavia, trarei alguns exemplos específicos quando for o caso. Em segundo lugar, em alguns casos, para docentes que cursam ou cursaram um doutorado, os anos de dedicação aos seus cursos também podem afastá-los da rede de contatos do mercado, como também gerar outras novas oportunidades (nacionais e internacionais).

Inicialmente, define-se que não é condição obrigatória que um docente tenha atividade externa à IES de atuação, mas também precisamos estabelecer que não é algo proibido. Inclusive, alguns cursos são avaliados com base em critérios que mensuram a inserção de docentes em projetos em que existam interseções entre academia e mercado (ou mesmo assessorias/consultorias). Existem caminhos para que essa interação ocorra e seja saudável para ambos os lados. Muitas vezes a experiência no mercado, em sentido amplo e mesmo que pontualmente alinhada com as áreas de expertises dos docentes, pode trazer benefícios para os alunos, que eventualmente podem antecipar como lidar com uma situação inesperada, quando um(a) docente compartilha suas experiências já vivenciadas no mercado.

Além disso, esse contato com o mercado pode favorecer os alunos na busca por empregos, pois o mercado muitas vezes consulta os docentes pedindo indicações de alunos ou compartilhando oportunidades de empregos. Outro benefício são os *insights* que surgem dessas atividades definidas como esporádicas (ou serviços esporádicos de consultoria/assessoria), das reuniões com os líderes dessas entidades, da busca por soluções para problemas reais, que podem gerar uma série de ideias de pesquisas (problemas a serem investigados) e enriquecer a sala de aula com exemplos reais, como, por exemplo: o desenvolvimento de casos de ensino. Por fim, uma ciência social aplicada, no caso da nossa área de conhecimento na área de negócios abrangendo cursos de contabilidade, administração, economia e atuá-

ria, por exemplo, sem essa interação, o mercado evolui e inovações deixam de ser compartilhadas nas salas de aula.

Em geral, as estruturas das IES abrangem Ensino, Pesquisa e Extensão. Esses três pilares deveriam funcionar sem disfunções como algo natural, sem maior ou menor peso, mas, de fato, o ensino e a pesquisa, em geral, são as prioridades para formar profissionais para o mercado de trabalho, além de futuros professores e pesquisadores. Além disso, as matrizes curriculares dos cursos podem inserir carga horária de extensão para computar créditos regulares aos discentes. O grande problema que percebo (e posso estar bem equivocado) é que a maioria das IES não está estruturada para lidar com as demandas do mercado. Em geral, as entidades (o mercado) possuem alguma urgência ao demandarem alguma expertise dos docentes procurados para alguma atividade esporádica. Se esse processo de aprovação não fluir, o mercado procurará alguém do próprio mercado para resolver seu problema e a IES perde não só recursos, mas docentes perdem oportunidade desse contato com a prática, além da possibilidade de inclusão de alunos de graduação e de pós-graduação em eventuais projetos. Perdem ambos os lados. Por outro lado, diversas situações são sigilosas e as informações não podem ser divulgadas ou o fluxo do processo não é tempestivo dentro da estrutura das IES.

Nesse contexto, uma alternativa passa a ser a atividade esporádica. Em âmbito federal, a Lei n.º 12.772/2012 e suas alterações regulam essas atividades em várias dimensões, mas estabelecendo principalmente o número de horas permitidas para que um docente em regime de dedicação exclusiva possa realizar atividades externas. Os estados e municípios devem ter ordenamento jurídico similar para orientar essas atividades, em todos os casos, permitindo o docente a receber retribuição pecuniária.

Se a Lei permite a realização de atividades esporádicas e existe demanda por uma expertise de um docente, por que então proibir em alguns casos? Essa é uma questão que envolve o *status quo* da cultura estabelecida em uma IES, visão política de membros de conselhos superiores, regimentos internos das IES defasados dentre outros fatores além do escopo deste editorial, que é apenas trazer uma reflexão sobre o tema. As IES geram muito conhecimento por meio de aulas, artigos científicos e livros publicados, atividades de extensão universitária, estudos desenvolvendo modelos de gestão, de custos, etc., o que ajudaria muito o mercado no sentido mais amplo para melhorar sua eficiência ao interagirem com acadêmicos nas suas diversas demandas.

Por exemplo, é impossível esgotar temas de interseção entre acadêmicos e mercado, mas alguns mais comuns na área de contabilidade e negócios são:

- Auxiliar na estruturação, abertura e organização de

- uma empresa/entidade;
- Orientar na elaboração de políticas ambientais/de sustentabilidade, sociais, diversidade e de governança (ESG), mas também na implementação, preparação de relatórios, mapeamento dos recursos, e avaliação das iniciativas implementadas;
- Orientar na definição de políticas contábeis e preparação das demonstrações contábeis;
- Elaborar relatórios de valuation para fusões e aquisições;
- Avaliar empresas e ativos;
- Orientar sobre Custos (modelagem, implementação, precificação, etc.);
- Elaboração de planejamento estratégico e de orçamento empresarial;
- Assessorar na organização da gestão financeira, de custos, de orçamento, etc.;
- Assessorar no mapeamento, revisão e melhoria de processos;
- Elaborar plano de remuneração;
- Realizar teste de impairment como consultoria independente;
- Realizar pesquisas de mercado;
- Atuar em conselhos de administração, fiscal, comitês de auditoria, de sustentabilidade, de governança, de riscos, dentre outros em âmbito estratégico e com mandato definido;
- Ministrar palestras voluntárias ou remuneradas (ganho de visibilidade para a IES e para os programas de mestrado e doutorado);
- Treinamento para o mercado – uma forma também de captar potenciais discentes para os programas de mestrado e doutorado; e
- Outras áreas de expertise dos docentes das IES.

Enfim, os temas são inesgotáveis e o mercado demanda profissionais aptos para atuar. Em sala de aula, eu, por exemplo, sempre estímulo meus alunos desde o primeiro período do curso, depois que dominam conteúdo básico das partidas dobradas e de preparação do balanço patrimonial e da demonstração do resultado, a ajudarem instituições sem fins lucrativos (ONGs, em geral, associações de moradores, de igrejas, etc.) compartilhando o que sabem e tentando vivenciar um primeiro contato com esse mercado de modo colaborativo até conseguirem o primeiro estágio ou emprego. É um ponto de partida e não é obrigatório. Em alguma medida, a matriz curricular poderia computar carga horária de atividade de extensão em substituição de algumas disciplinas optativas ou trabalho de conclusão de curso, adequando as opções ao perfil dos discentes.

Para trazer exemplos práticos, para termos uma ideia do impacto que um(a) docente tem numa empresa, vou apresentar alguns resultados de pesquisas que mostram impactos positivos e negativos (quando o governo intervém na oferta de acadêmicos para o mercado equivocadamente).

Francis et al. (2015) fazem uma ampla análise nos Estados Unidos e encontram que conselheiros que são professores contribuem para aumentar o valor e o desempenho das companhias listadas e esse resultado é influenciado, principalmente, por docentes que não estão em posições administrativas nas suas IES. Além disso, o monitoramento é aprimorado, pois existe uma visão crítica e independente sobre as atividades, decisões tomadas pela gestão, etc. Imagine o quanto um docente ganharia de experiência ao ver a teoria de agência funcionando no mundo real e quanto mais rico ficaria o conteúdo ensinado na sala de aula com essas vivências?

Retornando ao estudo, os autores encontram também que conselhos de administração com acadêmicos estão associados com planos de remuneração que alinham os interesses dos executivos com o longo prazo e maior controle sobre a remuneração total dos executivos, além de menor turnover dos CEOs, menor gerenciamento de resultados e menor probabilidade de problemas com fraudes e/ou regulatórios com a Securities Exchange Commission (SEC). As áreas de atuação dos docentes (*background*) também influenciam o valor, encontrando que docentes das áreas de negócios, tecnologia e ciência política também agregam valor às companhias abertas.

Já o estudo de White et al. (2014) analisa uma ampla indicação de acadêmicos das universidades públicas e privadas norte-americanas para os conselhos das companhias abertas. Os autores consideram que acadêmicos são indicados para os conselhos de administração por diversas razões, dentre elas: monitoramento, expertise, conexões sociais, rede de relacionamentos (*networking*) e reputação. Além disso, pode ser menos custoso obter informações de acadêmicos para nomeação/indicação ou quando a oferta de profissionais é escassa no mercado de trabalho. Os principais resultados de muitas evidências sugerem que o valor de mercado das companhias abertas reage positivamente para acadêmicos, principalmente indicados para companhias de pequena a média capitalização para ampliar o conselho, acadêmicos de algumas áreas de conhecimento são nomeados por suas expertises (ciência, medicina, engenharia, etc.), acadêmicos em cargos de gestão nas IES, mas não quando estão geograficamente distantes das sedes das companhias. O mercado também reage positivamente para nomeação de professores da área de negócios por conta da expertise e reputação. Todo esse conjunto de achados reforça a importância da heterogeneidade dos conselhos de administração para um melhor funcionamento das atividades de monitoramento e planejamento, principalmente, orientadas para o longo prazo.

Esses resultados reforçam o impacto positivo de nomeação/indicação de conselheiros externos (ou independentes) de estudos anteriores que apresentaram evidências de que membros externos de comitê de auditoria con-

tribuem para reduzir gerenciamento de resultados via accruals (Xie et al. 2003) e sobre atributos da formação dos conselheiros de administração, quando possuem MBA, mestrado ou doutorado ou são da área de contabilidade, contribuindo para aumentar o valor de mercado e desempenho das companhias abertas (Almeida, 2011).

Por fim, dois estudos apresentam consequências econômicas negativas para as companhias abertas chinesas quando o governo do país aprovou uma lei proibindo acadêmicos de participarem como conselheiros independentes de conselhos de administração de companhias abertas no país. Chen et al. (2019) mostram que o impacto da exoneração/renúncia dos acadêmicos dos conselhos trouxe forte queda no valor de mercado das companhias abertas. Além disso, no ano subsequente à renúncia (ou demissão), as companhias abertas que tinham pelo menos um acadêmico como conselheiro tiveram desempenho pior do que as que não tinham antes da nova lei.

Em outro estudo, usando o mesmo *setting* chinês, Pang et al. (2020) também encontram consequências econômicas negativas na capitalização das firmas, tanto no primeiro momento da introdução da lei que era ambígua, com exonerações/renúncias inesperadas e mais fortemente com o novo texto legal. Ambos os estudos utilizaram estudos de eventos e outras estratégias de identificação mostrando diversos tipos de efeitos e trazem achados relevantes para reguladores, políticos, governantes e conselhos superiores de IES ao pensarem em leis, regimentos e estatutos restringindo acadêmicos de atuarem como membros independentes de conselhos e comitês de empresas, principalmente, listadas em bolsas de valores.

Caminhando para as considerações finais deste editorial, essas evidências em diferentes países também reforçam a importância da visão crítica e independente necessária nas atividades corporativas trazidas por acadêmicos. As IES também podem se beneficiar e se inserirem ainda mais em suas comunidades por meio de serviços prestados à sociedade ao consultar seu próprio corpo docente. O mercado também pode se aproximar da academia, por exemplo, convidando painelistas ou debatedores para seus eventos, atualizando-se de inovações geradas pelas pesquisas e que

poderiam ser adaptadas para melhorar o desempenho das entidades. As entidades ou associações representativas do mercado podem facilitar essa ponte com eventos potencializando essa interação ou mesmo levando as demandas existentes de seus associados para discutir com docentes com as expertises necessárias na busca por soluções, dentre diversas outras possibilidades de aproximação. Um círculo virtuoso começa com o primeiro passo de ambos os lados para esse relacionamento até sua consolidação.

Referências

- Almeida, J. E. F. (2011). An exploration of boards of directors' quality: The development of an index for directors attributes and the relation with firm value and performance. *Corporate Board: role, duties and composition*, 7(2), 51-63. <https://doi.org/10.22495/cbv7i2art4>
- Chen, Jun & Garel, Alexandre & Tourani-Rad, Alireza, (2019). The value of academics: Evidence from academic independent director resignations in China, *Journal of Corporate Finance*, Elsevier, 58, 393-414. <https://doi.org/10.1016/j.jcorpfin.2019.06.003>
- Francis, B., Hasan, I. and Wu, Q. (2015), Professors in the Boardroom and Their Impact on Corporate Governance and Firm Performance. *Financial Management*, 44, 547-581. <https://doi.org/10.1111/fima.12069>
- Pang, Jiaren, Zhang, Xinyi, and Zhou, Xi, (2020). From classroom to boardroom: The value of academic independent directors in China, *Pacific-Basin Finance Journal*, 62(C), 1-20. <https://doi.org/10.1016/j.pacfin.2020.101319>
- White, Joshua T., Woidtke, Tracie, Black, Harold A., and Schweitzer, Robert L., (2014). Appointments of academic directors, *Journal of Corporate Finance*, Elsevier, 28, 135-151. <https://doi.org/10.1016/j.jcorpfin.2013.12.007>
- Xie, Biao, Davidson, Wallace III, and DaDalt, Peter J. (2003). Earnings management and corporate governance: the role of the board and the audit committee, *Journal of Corporate Finance*, 9(3), 295-316. [https://doi.org/10.1016/S0929-1199\(02\)00006-8](https://doi.org/10.1016/S0929-1199(02)00006-8)